



MARCAS DE IMPRESSÕES POÉTICAS E PSICANALÍTICAS PELO OLHAR DE ADOLESCENTES EM ESCRITAS DE DIÁRIOS PESSOAIS.

MAMEDES, Rosilene Felix (1) RODRIGUES, Hermano de França (2)
(UFPB)

Muito se tem discutido sobre as problemáticas que somos acometidos na adolescência, colocando-a como fase de transformações marcadas por ebulições hormonais, conflitos, mudanças biológicas e sociais. Até certo ponto, é contraditório pensarmos que outrora éramos apenas uma criança, sem obrigações e sem tantas responsabilidades, e de repente nos encontramos biologicamente “estranhos”, com formas alheias as que tínhamos, com sensações que até então as desconhecíamos. Como nos colocar diante de novos desejos, novas estruturas sociais? Como não ser criança e nem adulto, uma vez que somos apenas adolescentes? É em meio a essas inquietudes que nós humanos, passamos pela a adolescência uma fase que perpassa a esfera biossocial, uma vez que há uma definição histórica e cultural que delimita o sujeito-adolescente.

Sabemos que somos seres sociais e que somos influenciados pelo meio, em que fazemos parte, da mesma forma, para diferentes povos o ser-adolescente se apresenta de maneiras distintas. Assim, se processa essa tão conflituosa fase humana, repleta de continuidade e (des) continuidade nas mais diferentes esferas. Em outras palavras, a continuidade e a descontinuidade na adolescência pode ser compreendida e analisada por diferentes ópticas, sobretudo, a partir do que se postula em sociedades sejam elas orientais ou ocidentais. Ademais, nessas sociedades desde a sua tenra infância a criança é direcionada para o desenvolvimento das suas competências e habilidades a partir das responsabilidades para com ela e para com a sua família, sendo essa responsabilidade colocada para a criança de forma gradual. O que antes era apenas colocado de forma lúdica, com brincadeiras do universo infantil, de repente a “criança” passa de uma situação de dependências para as exigências sociais que impõem mais responsabilidades, independência, necessitando fazer escolhas, como por exemplo, escolher a sua profissão nos exames para o ingresso à universidade .

Palavras- chave: Literatura e Psicanálise; Diários pessoais e adolescentes.

MARCAS DE IMPRESSÕES POÉTICAS E PSICANALÍTICAS PELO OLHAR DE ADOLESCENTES EM ESCRITAS DE DIÁRIOS PESSOAIS.

MAMEDES, Rosilene Felix (1) RODRIGUES, Hermano de França (2)
(UFPB)

1-Justificativa

Ao longo dos anos a humanidade vem passando por constantes transformações em distintas histórias, paralelamente a essas transformações a escrita também foi evoluindo até chegar no estágio que a conhecemos. Assim, além da necessidade de evoluirmos também possuímos uma série de outras, sejam de caráter individuais ou sociais, dessa forma, uma das necessidades mais urgentes que temos é a de nos comunicarmos, de expressarmos nossas necessidades, emoções, ou até mesmo apenas transmitir uma mera informação a outrem. Talvez seja este o motivo que ao longo dos anos a ciência e pesquisadores vêm procurando compreender mais sobre a fase da adolescência, buscando colaborar e/ou atenuar com os dilemas vividos, não só pelos adolescentes, mas como por todas as famílias, independentes de classes sociais. E é, exatamente, na busca de respostas que alicerçamos as nossas inquietudes, a despeito da continuidade e da descontinuidade. Para isso, fizemos um recorte das fases do comportamento humano, e optamos investigar a fase da adolescência, para compreendermos como se processa a continuidade e a descontinuidade nesta fase. Como arcabouço teórico, recorreremos aos teóricos da Psicanálise, para compreendermos o universo psicanalítico, em que esses adolescentes vivenciam seus conflitos e inquietações sejam elas de caráter individual ou social.

Como relevância para a nossa pesquisa, atribuímos como contribuição a possibilidade de ampliar o debate sobre a fase da adolescência, buscando compreender o sujeito-adolescente a partir do seu (in)consciente que plasma na escrita dos diários pessoais, reconhecendo em suas linhas a continuidade e a descontinuidade do comportamento humano. Com os diários pessoais encontraremos respostas para compreender os universos do adolescente por meio da Literatura e da Psicanálise, ambas configuradas nesse gênero híbrido, que carrega em suas especificidades uma relação pessoal com o seu “proprietário”. Esta relação discutiremos ao longo do nosso trabalho a partir das relações de pertencimentos. Além dessa relação exploraremos conceitos da Psicanálise como a noção do inconsciente; a teoria da sexualidade, e o princípio do prazer e do desprazer; a



teoria das pulsões e a noção de aparelho psíquico, tendo como base primordial a discussão acerca da continuidade e da descontinuidade da fase da adolescência.

1.1.OBJETIVOS

1.2.Objetivo Geral:

- Discutir a continuidade e a descontinuidade do comportamento do Eu- adolescente a partir das marcas que plasmam na escrita de diários pessoais a partir da óptica da Psicanálise e da Literatura.

1.2Objetivos Específicos:

- Identificar na psicanálise e na literatura subsídios para compreender as subjetividades apresentadas nos diários pessoais dos adolescentes;
- Compreender como os adolescentes se constituem como sujeito psicanalítico;
- Discutir à luz da psicanálise as marcas da continuidade e da descontinuidade deixadas nos diários pessoais.
- Compreender o diário pessoal como além de um mero registro, colocando-o dentro da literatura e de todas as características que emanam dessa arte.
- Extrair dos diários o simbolismo, os conflitos e os valores psicossociais dos registros.

2- METODOLOGIA

No que se refere à metodologia esta pesquisa terá fins qualitativos, e descritivos uma vez que teremos como finalidade analisar diários pessoais de adolescentes. Desta forma, procuraremos traçar um arcabouço metodológico em que o primeiro capítulo faça um aprofundamento teórico sobre literatura e psicanálise, buscando enquadrar o adolescente como sujeito da pesquisa, de modo que seja alicerçado subsídios para as discussões teóricas. Este capítulo nos dará condições para alicerçarmos as teorias psicanalíticas para as análises do nosso *corpus*.

No segundo capítulo traçaremos um perfil do adolescente ao longo de diferentes sociedades e tempos cronológicos para que possamos compreender como o comportamento do adolescente, de hoje, se configura frente às transformações sociais e psicanalíticas. Para isso, buscaremos compreender o ser-adolescente frente às transformações psicossociais e como estes se delineiam por meio da continuidade e da descontinuidade biológicas, sociais e históricas.





No terceiro capítulo abordaremos o diário pessoal como gênero híbrido e com as especificidades característica da sua própria esfera discursiva, em que o sujeito possui uma relação intimista. Dessa forma, buscaremos abordar além da discussão sobre o gênero diário a relação psicanalítica existente entre os adolescentes e o seus diários.

O último capítulo será destinado às análises dos diários pessoais e como os sujeitos se exprimem como sujeitos psicanalíticos. Em nossas análises faremos a contraposição com os teóricos da Psicanálise, em especial Freud e Lacan, para que possamos abstrair da escrita dos adolescentes as impressões que subjaz do eu-psicanalítico, a fim de encontramos as marcas da subjetividade dos adolescentes analisados.

DISCUSSÃO TEÓRICA:

Com o avanço da humanidade o homem passou a vivenciar novas situações que afetaram o seu desenvolvimento humano. Algumas dessas situações foram positivas, como exemplo, novas formas de trabalho, capitalismo, urbanização, globalização e a tecnologia, que por sua vez vem favorecendo a ciência, como forma de estudo, para melhorias na qualidade de vida humana com descobertas que vêm propiciando curas para enfermidades sejam elas de caráter físico ou psicológico.

Introduzir a Psicanálise como ciência significa dizer que Freud ousou tentar descobrir os segredos humanos mais escondidos, buscando compreender comportamentos humanos, inquietações da nossa subjetividade. Compreender o processo da criação dessa ciência é de suma importância para nós, tendo em vista que tais estudos nos servirão de subsídios para o arcabouço teórico para a nossa pesquisa. Dessa forma, a psicanálise nasceu da área de convergência entre muitas áreas do conhecimento tais como: medicina, neurologia, filosofia e psiquiatria. Seu maior objetivo era compreender os fenômenos da mente. Freud é contemporâneo do Iluminismo, trazendo consigo tudo o que essa corrente propõe. Apesar disso, sua formação foi em uma escola de medicina alemã que tinha princípios “fiscalista e mecanicista”.¹

Assim,

¹ Conceito abstraído do artigo: CORDEIRO, Ewerton Fernandes. O inconsciente em Freud. In: Portal da Psicologia. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0745.pdf>.





No início, o movimento psicanalítico mostrou com experiências que era mais fácil penetrar nos mistérios do neurótico do que repelir os preconceitos triunfantes dos convênulos científicos e mundanos. As censuras da ideologia² tinham mais eficácia e determinação do que o recai que no interior de cada indivíduo. (BELLEMIN-NOEL, 2003, p.11)

Com a Psicanálise Freud busca compreender a subjetividade humana, trazendo à tona a teoria do inconsciente que, de forma singular, busca compreender as nuances humana por meio do inconsciente. Por outro lado, para ele, “sofremos de reminiscências que se curam lembrando” (FREUD, 1895). O método psicanalítico de Freud “cura pela palavra”, ou seja, o paciente ao se expor para o outro (psicanalista) se reconhece em suas limitações e, busca no inconsciente o consciente. Dito de outra maneira, o inconsciente freudiano é o consciente psicanalítico. Para ele o consciente ressurgiu do inconsciente, sendo que:

A descoberta do inconsciente questiona o conhecimento que temos do psiquismo humano, conhecimento do qual vivemos a cada minuto. O que se escreveu e se escreve ainda, aquilo que leu, tudo é trabalhado, sem que eu saiba, por energias fabulosas (e fabuladoras): o que acontece com minha leitura hoje? Por outro lado, a psicanálise opera sobre a linguagem, fator de verdade e alienação nas relações entre pessoas e no próprio interior da pessoa: o que me ensina ela sobre este lugar de exercício privilegiado da linguagem que é o conjunto da literatura, onde a realidade secreta do indivíduo se exprime melhor que em outra parte? Ei saí perguntas verossímeis. A finalidade da investigação torna-se então esta: descrever os princípios e o leque de meios que a psicanálise colocou à nossa disposição para nos permitir ler melhor a literatura. Teremos, pois, de explorar não somente na sua diversificação. (BELLEMIN-NOEL, 2003, p. 13)

Embora Freud tenha formulado teorias sobre a psique humana, não encontramos em sua vasta obra a noção de sujeito e de ideologia. A menos que estes conceitos estejam associados à noção da Cultura, segundo este autor, a cultura é ditada por meio de estereótipos e tabus que moldam a sociedade. Sendo assim, tanto o sujeito como a ideologia e tantos outros aspectos sociais que podem ser absorvidos da obra freudiana, a partir do que ele trás sobre cultura. Dito isso, iremos buscar em sua obra Totem e Tabu (1914) a explicação sobre o que ele denomina de “aspectos culturais”³. Para começarmos discorrer sobre esses conceitos, nada mais justo do que buscar na fonte tais respostas. Para ele, o Totem é:

(...)Via de regra é um animal (comível e inofensivo, ou perigoso e temido) e mais raramente um vegetal ou um fenômeno natural (como a chuva ou a água), que

² Sobre o conceito de ideologia falaremos mais adiante, confrontando com o a noção de ideologia de Bakhtin (Marxismo e Filosofia da Linguagem).

³ Estes aspectos são mostrados por meio dos tabus ao longo da obra.



mantém relação peculiar com todo o clã. Em primeiro lugar, o totem é o antepassado comum do clã; ao mesmo tempo, é o seu espírito guardião e auxiliar, que lhe envia oráculos, e embora perigoso para os outros, reconhece e poupa os seus próprios filhos.(FREUD, 1914, p.5)

A constituição da sociedade parte do princípio da dialética social. Este princípio pode ser observado em muitos teóricos, dentre eles, beberemos na fonte freudiana para traduzir essa dialética, em um fenômeno contínuo. Ademais, em Totem e Tabu (2014) podemos absorver conceitos que dialogam com a sociedade contemporânea, trazendo a noção da dialética e dos tabus que são passados em diversos clãs. Assim, por meio dessa interação entre passado longínquo e o presente podemos fazer uma ponte e aproximar esses dois tempos cronológico, vislumbrando o futuro mediante algumas colocações freudianas. Para Freud, a sociedade é caracterizada por meio da:

A análise dos tabus é apresentada como um esforço seguro e exaustivo para a solução do problema. A investigação sobre o totemismo não faz mais que declarar que 'isso é o que a psicanálise pode, no momento, oferecer para a elucidação do problema do totem'. A diferença está ligada ao fato de que os tabus ainda existem entre nós. Embora expressos sob uma forma negativa e dirigidos a um outro objeto, não diferem, em sua natureza psicológica, do 'imperativo categórico' de Kant, que opera de uma maneira compulsiva e rejeita quaisquer motivos conscientes. O totemismo, pelo contrário, é algo estranho aos nossos sentimentos contemporâneos — uma instituição social-religiosa que foi há muito tempo relegada como realidade e substituída por formas mais novas (FREUD, 1914, p.5)

É nesse prisma onde mora a teoria de Freud sobre a continuidade e a dialética dos acontecimentos, e por que não dizer a continuidade humana? Para ele, o sujeito psicanalítico precisa matar simbolicamente o totem para que possa nascer o novo. Por analogia, aqui, faremos uma reflexão simbólica com a dialética e continuidade do comportamento humano. Assim, para que um bebê passe a ser uma criança, características de bebês precisam ser mortas metaforicamente, da mesma maneira se dá com a adolescência e com a fase adulta. Para que um adolescente passe pelas transformações biossociais ele precisa matar a criança que vive dentro dele, e bruscamente passar a fase adulta.

Para Freud,

A palavra 'tabu' denota tudo — seja uma pessoa, um lugar, uma coisa ou uma condição transitória — que é o veículo ou fonte desse misterioso atributo. Também denota as proibições advindas do mesmo atributo. E, finalmente, possui uma conotação que abrange igualmente 'sagrado' e 'acima do comum', bem como



‘perigoso’, ‘impuro’ e ‘misterioso’. Essa palavra e o sistema por ela denotado dão expressão a um grupo de atitudes mentais e idéias que parecem realmente distantes de nossa compreensão. Em particular, parece não haver nenhuma possibilidade de entrarmos em contato mais íntimo

E é, exatamente, na fase da adolescência onde eclode com mais ênfase estes tabus e as imposições sociais. O que antes era apenas visto de forma lúdica e mistificada pela figura da família, agora a relação de dependência passa a ser vista de outra maneira. O adolescente precisa ser consciente dos seus atos, responsáveis pelas suas escolhas, e brigar com os seus demônios e medos para que as suas escolhas não afetem a sociedade e nem o seu clã (família). Pensar em convivência social é retomar os primórdios e como o homem é fruto do social, sendo o mesmo passível a sanções sociais por desrespeito às regras estabelecidas pelo seu grupo (clã) social.

Junto com o a noção de cultura em Freud, podemos discorrer sobre ideologias e aspectos sociais, mas tão importantes quanto a tais conceitos, para este trabalho, são os conceitos que Freud aborda sobre pulsões (instintos), consciente e inconsciente; ego e superego. Além desses conceitos freudianos traremos alguns conceitos da Psicanálise abordado por Lacan para explorarmos a continuidade e a descontinuidade humana.

Agregadas às discussões do arcabouço da Psicanálise trazemos para esse debate as contribuições sobre a linguagem, uma vez que teremos como corpus diários pessoais e as subjetividades que plasmam em suas linhas. Assim, na mesma época que nascia a psicanálise surgiam outras discussões na busca de se entender características humanas, sobretudo, a linguagem. Em confronto com a Psicanálise e os conceitos do inconsciente de Freud, traçaremos uma breve discussão para situar os estudos da linguagem (BAKHTIN, 2006) em o Marxismo da Linguagem, segundo este autor, o social é o lugar onde há a materialização da linguagem, ou seja, para ele “é na linguagem e pela linguagem que as relações sociais se estabelecem”(2006, p. 112) . Uma das maiores contribuições para o estudo da Linguagem foi dada por Bakhtin (2006) , que concebe a linguagem como lugar de interação social, onde a linguagem “reflete e refrata outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo” (2006, p.31). Este conceito de dialética social também é colocado no campo da filosofia, conceito este que em alguns momentos se aproximam da Psicanálise. Ao delimitar a linguagem como objeto de estudo específico, Bakhtin observa que os estudos linguísticos foram orientados durante décadas por duas correntes principais, o subjetivismo idealista e o objetivismo abstrato. Para Bakhtin (2006, p. 123),



A verdadeira substância da língua é constituída, pelo fenômeno social da interação verbal, realizada por meio da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Desta maneira, para o autor a língua passa a ser concebida como essencialmente social, ou seja, a língua como faculdade humana só se efetiva em momentos reais de enunciação a partir de momentos de trocas dialógicas. Já em Lacan, teórico da Psicanálise, subverte da linguística o conceito de significante, para trazê-lo com outra interpretação para a Psicanálise.

"Pois esses dons já são símbolos, na medida em que símbolo quer dizer pacto e em que, antes de mais nada, eles são significantes do pacto que constituem como significado: como bem se vê no fato de que os objetos da troca simbólica — vasos feitos para ficar vazios, escudos pesados demais para carregar, feixes que se ressecarão, lanças enterradas no solo — são desprovidos de uso por destinação, senão supérfluos por sua abundância." (LACAN, 1998, p. 273)

Nas duas citações acima, temos dois conceitos distintos, porém com uma aproximação dialógica. Na citação de Bakhtin temos a importância dos signos e como estes carregam uma carga ideológica, que muitas vezes perpassam as suas próprias características estruturais. Para Bakhtin, a consciência individual adquire forma mediante às relações sociais, sendo um fato socioideológico” (BAKHTIN , p. 35). Já em Lacan encontramos a subversão do conceito de signo para a terminologia significante. Para Lacan um significante está situado em um outro, ou seja, só há sentido quando reflete um outro. Em outras palavras, assim como Bakhtin, Lacan também concorda com a dialética dos signos/significantes (Bakhtin/Lacan). Da mesma forma, ambos possuem um aspecto simbólico regido por pactos sociais que os constituem. Assim, se para Bakhtin o simbólico está no signo, para Lacan, em sua subversão este simbolismo se encontra nos significantes.

3-RESULTADOS

3.1- (Re) significando o eu-adolescente por meio do gênero diário

No princípio, o homem buscou a comunicação por meio de desenhos em cavernas, por meio da representação de desenho que refletisse o seu meio social. Neste período, a escrita teve como



função comunicar-se através de registros, nos quais fossem possíveis transmitirem algo para outras pessoas. Nesta fase inicial dos registros, não havia uma linearidade, por este motivo, não é considerado como escrita, uma vez que não há uma sequência lógica gráfica.

Com o surgimento da escrita houve um avanço significativo nas relações humanas, e, uma vez que é a partir dela temos uma ferramenta importante para a memória humana, posto que ainda em sua fase inicial, a finalidade maior da escrita era para auxiliar o comércio nos acordos financeiros. Com o tempo, mais uma vez essa finalidade passou a ser ampliada para registros em diferentes situações e finalidades. Com este advento tornou-se possível ultrapassar limites históricos e geográficos e levar informações para diferentes povos em diferentes tempos. Assim, se temos a escrita de um lado, temos a sociedade de outro, e em meio as duas, temos alguns agentes que influenciam o processo da escrita. De um lado, temos o sujeito repleto de desejos e vontades que busca em palavras uma forma para expressar o seu eu. De outro lado temos a palavra que é “preche de respostas”⁴, e de sentidos plurais que se expressa pela singularidade da escrita uma forma multifacetada de se expor.

São nesta discussão que alicerçamos as nossas inquietações, já que para se compreender a sociedade, temos que remetermos a teóricos, que ousaram escrever e teorizar sobre um dado assunto, aqui, nos restringiremos a abordar a Psicanálise como ciência e a Literatura como arte que busca na escrita a forma de retratar as suas inquietudes que imprimem com palavras sensações e emoções como formar de retratar características humanas e sociais. Para isso, falar em escrita, é falar em autor, leitor e situações comunicativas. Para Compagnon, (... , p.50) “a explicação da obra é sempre procurada do lado de quem produziu, como se, de uma maneira ou de outra, a obra fosse uma confissão, não podendo representar outra coisa que não a confidência”.

Para colaborar com a discussão sobre a produção textual e o diário pessoal como gênero textual híbrido retomaremos a teoria bakhtiniana dos gêneros discursivos que coloca o texto como enunciado discursivo reflexo do social, sendo cada vez menos propícia à individualidade da linguagem, com exceção do gênero do discurso que exige uma forma padronizada em muitas modalidades, como, por exemplo, os documentos oficiais de ordem militares. O autor ainda acrescenta que os sinais individuais não fazem parte do plano discursivo “os enunciados e seus tipos são, isto é, os gêneros discursivos, são correias de transmissão entre a história da sociedade e a história da linguagem”. (BAKHTIN, 2006, p. 268).

⁴ BAKHTIN, Marxismo e Filosofia da Linguagem (2006).





Falar em gênero textual, remete-nos a uma discussão que coloca o texto, como produto social a partir de diferentes esferas discursivas. Falar em esferas discursivas, por sua vez, nos remete a diferentes situações comunicativas que estipulam as especificidades de cada texto. Por um lado, um sujeito que precisa se expressar, de outro lado um texto que precisa seguir os moldes padronizado pela situação comunicativa. Assim, quando um sujeito escolhe um determinado gênero, ele precisa se adequar às formas adequadas para esta produção tanto no universo intratextual, de ordem microtextual, como no universo macrotextual, entendido, aqui, como todas as características alheias ao aspecto textual que interfere em sua produção.

Os objetos fantasmáticos com vocação estética são preparados no sistema pré-consciente-consciente para serem exteriorizados, e não encerrados na solidão própria do devaneio; isto não significa absolutamente que eles escapem à configuração narcísea particular a este tipo de formação: o sujeito só se despoja deles para reencontrá-los valorizados (admirados) pelo outro (o público) que, por sua vez, os retoma e os insere no seu narcisismo de leitor. (BELLEMIN-NOEL, p. 43)

Em outras palavras, assim, como a linguagem é dialética o texto, que também é uma forma de linguagem, em sua mais ampla significação, seja ele oral ou escrito também os são. Ademais, assim, como foi no início da escrita há uma evolução contínua das formas de produções textuais, que acompanham o avanço social, bem como as tecnologias e a evolução humana. Dessa forma, desde o início das discussões sobre os gêneros textuais, em Bakhtin, na obra *Estética da Criação Verbal* (2006), os gêneros textuais foram divididos em primários e secundários, a partir desse debate, muito já se estudou e muitas discussões foram travadas em torno dessa temática. Para Bakhtin os gêneros “elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominam gêneros discursivos” (2006, p. 262). Neste sentido, pensar no diário pessoal, é pensar em esferas discursivas que envolvam enunciados tecidos por uma teia dialógica que perpassam as linhas escritas na relação íntima existente entre o ser que escreve, e o ser que está transfigurado por meio de diversos discursos ali impresso.

4-

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 5. ed. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

_____; VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. 13. ed. São Paulo: HUCITEC, 2009.



_____. **Para uma filosofia do ato responsável.** Tradução de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João, 2010.

BELLEMIN-NOEL, Jean. *Psicanálise e Literatura.* São Paulo: Cultrix, 1978. BLOS, Peter. *O ego na adolescência.* In: *Adolescência: uma interpretação psicanalítica*/Peter Blos; tradução de Waltensir Dutra; Revisão Monica Stahel.- 2ª ed.- São Paulo: Martins Fontes, 1998.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria – Literatura e senso comum.* Trad. Cleonice Paes Barreto Mourão e Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2001.

CROCHIK, J. L. (1998). Os desafios atuais do estudo da subjetividade na Psicologia.

In: *Psicologia USP*, 9(2), p.69-86.

EAGLETON, Terry. *Introdução: O que é Literatura?* In: *Teoria da Literatura: uma introdução.* Trad. Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2003

LACAN, J. (1946 / 1998). *Formulações sobre a causalidade psíquica.* In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

LACAN, J. (1960a / 1998). *Subversão do sujeito e dialética do desejo.* In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

LACAN, J. (1960b / 1998). *Posição do inconsciente.* In: *Escritos.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

